

2022.2 . Ano XXXIX . Número 44

CALÍOPE

Presença Clássica

(separata 9)

DOSSIÊ

XIX Jornada do PPGLC-UFRJ



2022.2 . Ano XXXIX . Número 44

CALÍOPE

Presença Clássica

ISSN 2447-875X

(separata 9)

DOSSIÊ

XIX Jornada do PPGLC-UFRJ

EDITORES

Fábio Frohwein de Salles Moniz

Rainer Guggenberger

Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas
Departamento de Letras Clássicas da UFRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
REITOR Denise Pires de Carvalho

CENTRO DE LETRAS E ARTES
DECANA Cristina Grafanassi Tranjan

FACULDADE DE LETRAS
DIRETORA Sonia Cristina Reis

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS CLÁSSICAS
COORDENADOR Rainer Guggenberger
VICE-COORDENADOR Ricardo de Souza Nogueira

DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS
CHEFE Simone de Oliveira Gonçalves Bondareczuk
SUBSTITUTO EVENTUAL Fábio Frohwein de Salles Moniz

EDITORES
Fábio Frohwein de Salles Moniz
Rainer Guggenberger

CONSELHO EDITORIAL
Alice da Silva Cunha
Ana Thereza Basílio Vieira
Anderson de Araujo Martins Esteves
Arlete José Mota
Auto Lyra Teixeira
Ricardo de Souza Nogueira
Tania Martins Santos

CONSELHO CONSULTIVO
Alfred Dunshirn (Universitat Wien)
David Konstan (New York University)
Edith Hall (King's College London)
Frederico Lourenço (Universidade de Coimbra)
Gabriele Cornelli (UNB)
Gian Biagio Conte (Scuola Normale Superiore di Pisa)
Isabella Tardin (Unicamp)
Jacyntho Lins Brandão (UFMG)
Jean-Michel Carrié (EHES)
Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra)
Martín Dinter (King's College London)
Victor Hugo Méndez Aguirre (Universidad Nacional Autonoma de México)
Violaine Sebillote-Cuchet (Université Paris 1)
Zelia de Almeida Cardoso (USP) – *in memoriam*

CAPA
Cratera de figuras vermelhas, provavelmente de proveniência ática do séc. v a.C. Acervo: Ashmolean Museum Oxford. Foto: Rainer Guggenberger.

EDITORACAO
Fábio Frohwein de Salles Moniz | Rainer Guggenberger

REVISOR DO NÚMERO 44
Fábio Frohwein de Salles Moniz

Programa de Pós-Graduaao em Letras Clássicas | Faculdade de Letras – UFRJ
Av. Horácio Macedo, 2151 – sala F-327 – Ilha do Fundão 21941-917 – Rio de Janeiro – RJ
www.lettras.ufrj.br/pgclassicas – pgclassicas@letras.ufrj.br

O banquete como artifício literário no *Evangelho de Lucas*

Emerson Rocha de Almeida | Tania Martins Santos

RESUMO

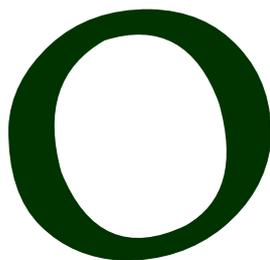
O banquete, além de ter sido uma prática social e cultural na Antiguidade, torna-se modalidade literária tanto no Período clássico quanto no Período helenístico. Nesse período, podem-se encontrar autores como Plutarco e Luciano de Samósata, os quais utilizaram a estrutura literária de banquete em suas obras. Este artigo visa a destacar e analisar essa construção literária, banquete – conversação filosófica à mesa, em uma passagem do *Evangelho de Lucas* 14, 1-24, apontando elementos comuns a esse gênero, que foram utilizados pelo autor do evangelho citado. Destaca-se, também, neste artigo, a influência da cultura greco-romana entre os judeus, especialmente na imitação do banquete, como evento social, que torna verossímil a elaboração de diálogos à mesa, em que Jesus, em ambiente social judaico, apresenta seus ensinamentos aos comensais.

PALAVRAS-CHAVE

Banquete; *Evangelho de Lucas*; Período helenístico; Gênero literário.

SUBMISSÃO 15.7.2022 | APROVAÇÃO 22.4.2023 | PUBLICAÇÃO 23.4.2023

DOI <https://doi.org/10.17074/cpc.v1i44.53505>



banquete, além de ter sido uma prática social e cultural na Antiguidade, torna-se modalidade literária usada por vários autores. A família na Antiguidade que, segundo Almeida, era “composta de pai, mãe, filhos, escravos”, podendo ser ampliada com a presença de “parentes, como irmãos, avós, enteados e outros de relação consanguínea ainda mais distantes”.¹ Esse modelo familiar manifestava-se para o mundo externo por meio de um evento social que girava em torno do banquete, que, no entender de Bovon:²

Vai ganhando, com o tempo um valor social e cultural e se converte em uma ocasião para acolher o viajante que passa, para honrá-lo e aproveitar seu conhecimento e a diferença que este saber faz.³

O chefe da casa possuía função predominante na organização do banquete, pois cabia ao senhor do *oikos* o convite e a recepção ao convidado ilustre e aos demais que participariam como secundários.

Na Atenas do séc. v a.C., o banquete era estruturado da seguinte forma, como informam Franco e Torrano:⁴

O banquete se dividia em duas partes: uma primeira e secundária chamada *δειπνον* ou *συμδειπνον*, isto é, refeição ou refeição comum, e uma segunda e mais essencial, pois a comida tem pouca importância no banquete grego, chamada *πίοτος* ou *συμπότος*, isto é, a bebedeira ou a bebedeira comum. A bebida era mais importante do que a comida, mas o ato de beber era organizado em função de um outro objeto que não fosse a bebida. A passagem de uma parte à outra era acompanhada de libações, orações e cânticos, quase como se fosse uma cerimônia religiosa. Fazia parte das regras traçar um programa que decidisse o modo como se desenrolaria essa segunda parte: a quantidade de bebida a ser tomada, o tema sobre o qual cada um dos participantes seria obrigado a discorrer etc. O autor do tema presidia o banquete, e como tal, deveria cuidar que o programa fosse cumprido.⁵

Observa-se, nos diálogos platônicos, como pontua Bovon,⁶ que os gregos atribuíam ao banquete momentos oportunos para elevar o entendimento e o espírito, e que Lucas, o autor do terceiro evangelho, não apenas conhecia essas características, mas também as utilizou como um gênero literário – “conversação filosófica durante uma refeição”, que se configurava como ensino.

Em consonância com esse pensamento, julga-se oportuno citar Marrou:

Um ensino de filosofia, mais ou menos organizado. Encontramo-lo sob três formas principais: inicialmente, o ensino, até certo ponto oficial, que se ministrava no seio das escolas [...]. Em segundo lugar, encontramos mestres isolados, ensinando por sua própria conta nas cidades em que residem [...]. Finalmente, há filósofos errantes, conferencistas populares, ou melhor dizendo, predicadores, que, ao ar livre, no canto de uma praça pública ou num largo, se dirigem ao auditório que o acaso e a curiosidade reúnem ao seu redor, o interpelam, improvisam com ele um diálogo familiar (do qual nascerá o célebre gênero da *diatribe*).⁷

O autor da *História da Educação na Antiguidade*⁸ também observa a existência de outros aspectos mais interessantes no ensino filosófico desses mestres. Esses falavam em seus próprios nomes, formando grupos de discípulos de si mesmos, aos quais comunicavam seus próprios pensamentos e sabedoria, cujos ensinamentos podiam acontecer para um grande público quanto em um ambiente fechado.

Pautando-se na obra anteriormente citada de Marrou, pode-se apresentar características literárias no *Evangelho de Lucas* que possibilitaram ao evangelista Lucas a construção do personagem Jesus como um “filósofo” itinerante que se utiliza de um ambiente público e privado. Este artigo privilegia abordar o ambiente privado, para transmitir seus ensinamentos, especialmente no formato de conversação filosófica durante uma refeição: banquete.

A educação, com o objetivo de formar o homem por inteiro – corpo e alma –, é abordada tanto por H.-I. Marrou⁹ quanto por Werner Jaeger (*kalôs kai agathós*).¹⁰ Para corroborar essas afirmações, Jaeger pontua:

É neste ‘belo’ ou ‘bom’ da *kalokagathía* apreendida na sua essência pura que temos o princípio supremo de toda a vontade e conduta humanas, o último motivo que age por uma necessidade interior e que é ao mesmo tempo o fundo determinante de tudo o que sucede na natureza. Ora, para Platão existe absoluta harmonia entre o cosmos físico e o cosmo moral.

O autor do terceiro evangelho apresenta essa construção literária no banquete, que apresenta Jesus como convidado ilustre no capítulo 14, 1-24, em que Lucas descreve uma refeição na qual há a cura de um doente e ensinamentos sobre a forma de portar-se num banquete (*νόμοι συμποτικοί*)¹¹ e ensinamentos sobre as relações sociais, de forma que o ser humano se eleve no espírito, agindo sem buscar reciprocidade material.

Lucas utiliza, em várias ocasiões, o banquete como ambiente para os ensinamentos de Jesus, como por exemplo, no capítulo 5, na casa de Levi, durante um grande banquete (*δοχή*), em que Jesus anuncia o objetivo de sua missão (5, 29-39); no capítulo 7, na casa de um fariseu, convidado para comer com ele (*έσθίω*), uma mulher unge Jesus com perfume e esse concede uma grande lição ao fariseu (7, 36-50); no capítulo 11, na casa de um fariseu, convidado para comer com ele (*άριστάω*), Jesus censura os fariseus e doutores da lei (11, 37-54); no capítulo 14, novamente, um fariseu convida Jesus para comer pão (*έσθίω*); no capítulo 22, em uma refeição pascoal preparada pelos discípulos, Jesus apresenta seus últimos ensinamentos (22, 14-38); no capítulo 24, já ressuscitado, o *Evangelho de Lucas* finaliza com Jesus, em duas ocasiões, comendo com seus discípulos (24, 30.41-43).

Podem-se considerar, ainda, outras passagens em que a acolhida envolve o banquete, como o episódio de Marta e Maria, em que ambas hospedam Jesus em sua casa. Nessa pequena

narrativa, Lucas apresenta uma *aporia* relacionada à refeição e ao ensinamento, no qual Marta questiona Jesus por permitir que Maria ficasse sentada aos “pés do mestre”, ouvindo os ensinamentos enquanto ela se esforçava para servir à mesa. Jesus responde, apoiando o gesto de Maria, o que seria incomum para uma mulher estar entre os homens em um banquete ouvindo os seus ensinamentos (10.38-42). No episódio de Zaqueu (19, 1-10), em que Jesus é hospedado pelo chefe dos cobradores de impostos em sua casa, pressupõe-se um diálogo em torno da mesa; a acusação que os fariseus e escribas fazem a Jesus de comer com os publicanos e pecadores (15, 1-2) constitui outro exemplo significativo. Pode-se observar como os banquetes adquirem importância literária no *Evangelho de Lucas* e que a utilização do ambiente de banquete para apresentar os ensinamentos de Jesus, considerando que em outros evangelhos os textos paralelos¹² não são apresentados em banquete, configura-se, no terceiro evangelho, um elemento literário construído pelo autor.

Essa construção literária não significa que seja fruto da imaginação do evangelista, pois a comensalidade era uma atividade social presente também entre os judeus, como afirma Dennis E. Smith:¹³

No período greco-romano, as refeições funcionavam dentro do judaísmo de maneira bastante semelhante ao que encontramos na sociedade greco-romana em geral. Ou seja, quando se reuniam para um banquete, os judeus, como os seus homólogos gregos e romanos, reclinavam-se para uma refeição caracterizada por regras de etiqueta, valores éticos e organizada de modo exatamente igual aos banquetes no resto do mundo greco-romano.¹⁴

Ao analisar a citação, pode-se considerar que a ampliação da realidade para fins literários constitui um instrumento propício dentro de um gênero literário difundido no séc. I de nossa era.

Segundo M. Eugene Boring,¹⁵ o *Evangelho de Lucas* não é o resultado de uma reportagem ou diário de viagem, nem uma edição que organiza suas fontes e tradições a respeito de Jesus. A

obra lucana é uma composição que visa a informar e a persuadir, fazendo escolhas em relação a “gênero, linguagem e estilo, e estrutura”. Quanto às narrativas, se são afirmações verdadeiras, ficção, retórica e entretenimento, Boring afirma:

O mundo antigo certamente sabia a diferença entre história e ficção. Era comum entre os historiadores afirmar que ‘a única tarefa do historiador é descrever os fatos exatamente como eles aconteceram’, que ‘esta é a única coisa essencial em história, esforçar-se apenas pela verdade’ (Luciano, *How to Write History*, 39). O tratado de Luciano, no entanto, passa a mostrar que os historiadores misturavam prazer e diversão com sua narrativa: eles escreviam a história não apenas para relatar fatos, mas para ser útil, para edificar, para entreter. A história foi entendida como um ramo da retórica; bem escrita, a história era a arte da persuasão. No entanto, eles não entendiam a si próprios como se estivessem escrevendo ficção. Eles e os seus leitores entendiam que seu relato dos fatos estava a serviço de uma causa maior, para a qual os fatos como eles os possuíam deveriam ser ajustados. O senso de história ‘objetiva, científica’ como a disciplina é muitas vezes popularmente entendida no mundo moderno teria soado estranho para eles. Richard Pervo salientou que isso é resumido no lema de Horácio ‘desfrute com prazer’ – o benefício de ler a história não precisa excluir o deleite de uma história bem contada, incluindo cenas de ação e de entretenimento em que o herói escapa da prisão, resiste ao naufrágio, e lida heroicamente com motim, apedrejamento, tramas de assassinato e picada de cobra.¹⁶

A título de ilustração, cenas dessa natureza são encontradas nos *Atos dos apóstolos*, segundo volume da obra lucana.

Diferentemente dos textos do *Novo Testamento* escritos antes de Lucas, como *Marcos* e as *Cartas de Paulo* de próprio punho, o terceiro evangelho dirige-se também a um público literário mais amplo, como indica em seu prefácio (1, 1-4). Isso não significa que o autor fosse um mestre da língua e do estilo grego. O nível de seu grego é médio, sem pretensões literárias que o iguale a Tucídides ou a Dionísio de Halicarnasso. Seu estilo está mais próximo da LXX, da qual extrai 90% de seu vocabulário, imitando seções narrativas

semelhantes às que se encontram em 1-2 Samuel, de forma que sua fonte literária se inspira na *Bíblia* hebraica e na literatura helenística de nível cultural médio, como assevera Boring.¹⁷

O primeiro passo para a interpretação de qualquer texto é a identificação do gênero literário a que pertence. No que diz respeito aos livros chamados evangelhos, tem-se, nesse primeiro passo, uma grande dificuldade, pois esses livros não pertencem a nenhum gênero literário conhecido no séc. I; diferentemente das *Cartas de Paulo*, que podem ser qualificadas como gênero literário epistolar. As hipóteses para uma necessária classificação variam entre duas possibilidades: *biografia helenística (bios)* ou um *novo gênero literário*.¹⁸ A questão é: seus autores adotaram um gênero literário existente ou criaram um novo?

Mesmo que tenham criado um *novo gênero literário*, a influência dos gêneros literários existentes é relevante em suas obras. O marco cronológico de conjunto utilizado remete às *biografias helenísticas*; e, dentro desse marco, organizaram seu material, desenvolvendo temas de um modo historicamente artificial.

Julga-se necessário, nesse momento, estabelecer a abordagem diferenciada de banquete como evento social e como construção literária. Como evento social, o banquete não se identifica com os ritos, mas com as cerimônias. Jerome H. Neyrey¹⁹ enumerou três características que tornam um banquete uma cerimônia:

1. São previsíveis e ocorrem regularmente;
2. São determinados, convocados e presididos por funcionários;
3. Objetiva confirmar papéis e *status* dentro das principais instituições de um determinado grupo.²⁰

Segundo Neyrey,²¹ é necessário observar se as refeições ocorrem diária, semanal ou anualmente; se são presididas pelo chefe da família, por um sacerdote, por um governador ou rei; e se a refeição ocorre na família, em um grupo familiar fictício, em um templo ou em um centro cívico. Após essas ponderações, podem-

se fazer outras perguntas que vão ajudar a determinar o significado dessa cerimônia, tais como quando foi realizada, por quem, em companhia de quem, quem presidiu e em que instituição social aconteceu. Se for diária, confirma a unidade familiar; se for uma refeição farisaica no sábado, como o exemplo de Lucas 14, 1-24, confirma a pertença à irmandade daqueles que partilham a ideologia farisaica; se for anual, como a Páscoa, por exemplo, confirma a interação com o povo de Israel, ao mesmo tempo que reforça o papel do chefe do clã, que preside a refeição.

O banquete apresentado no *Evangelho de Lucas*, na perícopes²² indicada, pode ser classificado como uma refeição cerimonial que visa confirmar os laços de uma irmandade, reforçando os limites que definem o grupo ou a instituição, como pontua Neyrey:²³

Ao contrário dos rituais, que se preocupam com o perímetro, as cerimônias centram-se no interior, na dimensão interior de um corpo social e da sua estrutura. Eles atendem, não à mudança, mas à estabilidade; eles estão preocupados, não com novidade, mas com continuidade. Refeições-cerimônias replicam o sistema social básico do grupo, seus valores, linhas, classificações e seu mundo simbólico.²⁴

As instruções, presentes na perícopes em questão, sobre o lugar em que cada convidado deve se posicionar em relação ao anfitrião (14, 7-11) e a quem se deve convidar (14, 12-14), chamam a atenção para uma construção que vai além da estrutura literária. Willi Braun²⁵ destaca que esses apontamentos sobre costumes e valores estão relacionados às regras para os banquetes no ambiente social no mundo mediterrâneo no tempo de Lucas.

Do ponto de vista da construção literária, Bovon²⁶ realça as diferenças entre as construções literárias do Período clássico e os banquetes lucanos. Esses são marcados pela brevidade e simplicidade e os diálogos são implícitos ou fragmentários. Na perícopes de 14, 1-24, por exemplo, no episódio da cura do hidrópico (14, 1-6), Jesus é o único que fala e, nas passagens seguintes (14, 7-11 e 14, 12-14), ensina sua doutrina ao invés de

iniciar um diálogo. Na parte final, ao apresentar uma parábola, é interpelado inicialmente por um comensal, sem, contudo, esboçar nenhuma reação.

Ched Myers,²⁷ em seu comentário sobre o *Evangelho de Marcos*, cita Howard C. Kee e seu estudo sobre os gêneros literários no séc. I de nossa era, observando que não há paralelo entre os evangelhos e os inúmeros modelos literários helênicos estabelecidos. Kee, sustentando sua conclusão em E. Auerbach, na sua obra *Mimeses*, assegura que:

O evangelho retrata algo que nem os poetas nem os historiadores da Antiguidade jamais pensaram em retratar; o nascimento de movimento espiritual vindo de dentro das ocorrências diárias da vida contemporânea, que, assim, assume importância que nunca teria assumido na literatura antiga. [...] [Ele é] demasiado sério para ser comédia, demasiado rotineiro para ser tragédia, politicamente demasiado insignificante para ser história, e a forma que lhe foi dada tem tal cunho imediato, que nada existe de semelhante a ele na literatura da Antiguidade [Kee, 1980: 65].

Isso não significa que nos evangelhos seus autores não se tenham utilizado de convenções literárias acessíveis, como afirma Myers.²⁸ Entre os vários modelos literários utilizados nos evangelhos, está o banquete, as conversações filosóficas durante as refeições. O banquete aparece em um formato mais sucinto; no entanto, mantém elementos básicos que possibilitam o reconhecimento do gênero. Esses requisitos importantes, que tornam o episódio do *Evangelho de Lucas* 14, 1-24 semelhante ao banquete clássico de Platão e de Xenofonte, são descritos por Braun²⁹ da seguinte maneira:

Estrutura semelhante (convite, anúncio de um assunto para debate [*fait divers*], diálogo na forma de conversa de mesa), a presença de figuras típicas do simpósio (anfitrião notável, convidado principal, outros convidados, os não convidados [ἄκλητος]) e a aparência de tópicos de discussão de convívio regular (arranjos de assentos, lista de convidados apropriada) constituem os principais pilares de sustentação para o

argumento de que o plano composicional de Lucas em 14.1-24 foi ditado pela forma do simpósio.³⁰

Segundo Dennis E. Smith,³¹ o *Evangelho de Lucas* é o mais literário de todos os evangelhos escritos. Seu autor utiliza, conscientemente, estrutura, forma e imagem da literatura popular de seus dias. Estudos³² têm observado a afinidade de seu texto com a história, biografia e romance literário. Para Smith,³³ a menção de Plutarco (ca. 50-120 d.C.) sobre o uso difundido do gênero literário simpósio em seus dias, época em que o *Novo Testamento* foi escrito, e a referência a essa tradição literária pelo autor judeu helênico Fílon de Alexandria em sua obra *Therapeutae* revelam que o simpósio helenístico era uma estrutura literária bastante difundida na época da redação do terceiro evangelho.

Folken Siegert, em seu artigo *Philo and New Testament*,³⁴ aponta certos elementos presentes na linguagem especializada de Lucas que remetem à literatura filoniana. A escolha do nome para o patrocinador da obra, *Philotheos*, caracteriza Israel em Fílon (*Mos.* 1255); o uso do termo *metanoía* (arrependimento) possui paralelo em Fílon como um chamado ao monoteísmo e uma melhoria ética, especialmente em *Virt.* 175-186. O uso de metáforas com os termos “gerar” e “paternidade” eram muito comuns em toda Antiguidade (cada imperador romano era chamado de “filho” de Júpiter ou de Apolo etc). Existem pelo menos dois equivalentes judeus para nascimento virginal (*Lucas* 1, 26-38) em Fílon: Tamar, ele diz, ficou grávida sem a participação de homem (*Deus* 137), circunstância que produz algum simbolismo sobre virtude “virginal”, cuja origem é somente Deus; o riso de Sara, que deu nome a Isaque (*Gn.*, 21.6), é interpretado para se referir a uma gravidez à qual Abraão idoso não havia contribuído (*Det.* 123-7).

Há três perícopes no *Evangelho de Lucas* que são caracterizadas pelo convite de um fariseu a Jesus para compartilhar uma refeição. Tais convites constituem uma marca literária lucana, não sendo encontrados em nenhum outro evangelho. Existem vários estudos exegéticos que apontam, pelo menos para duas dessas perícopes (7, 36-50 e 14, 1-24), que a versão canônica de

cada uma delas constitui um gênero *litterarium* que inclui convite e refeição. Esse gênero, que constitui parte do estrato redacional elaborado pelo autor, na qual se identifica um cenário com refeição, assemelha-se ao simpósio helenístico. Duas características importantes que contribuem para estabelecer a diferença entre o simpósio helenístico do simpósio clássico, segundo E. Springs Steele,³⁵ são: em primeiro lugar, o convidado principal triunfa regularmente em qualquer argumento e sempre possui algo significativo e sensato a dizer. Em segundo lugar, não são todos os convidados que falam, como nos simpósios de Platão e de Xenofonte, e a extensão de cada discurso ou argumento é bastante variável. Esses dois aspectos característicos e essenciais do simpósio helenístico são uma *dramatis personae* comum e uma estrutura narrativa comum. E. Spring Steele³⁶ aponta outra característica importante no simpósio helenístico: a figura do anfitrião ilustre, que é apresentado no *Evangelho de Lucas* nas três perícopes em que Jesus é convidado para uma refeição, em que se desenvolve uma conversação.

O banquete helenístico não é exatamente igual ao banquete grego clássico. Sandra R. Shimoff³⁷ destaca características próprias do banquete helenístico e afirma que esse é um desenvolvimento do banquete clássico. A estudiosa cita passagens de autores latinos reveladoras de que o banquete helenístico tornou-se mais ostensivo, com introdução de vários outros elementos. Entre os latinos, Suetônio descreve como Augusto introduziu música, atores, circenses e recitadores de lendas e contos fantásticos (*A vida dos Cesares*, Augusto, 74). Novas realidades surgem na era helenística. O banquete torna-se uma oportunidade para alcançar prestígio no grupo social seja para mostrar habilidade na arte retórica seja na literária. As razões para se oferecer um banquete eram várias: ocasiões comemorativas; celebrar uma expansão política; mas a maioria tinha um caráter religioso e compunha o centro da vida social romana. O banquete helenístico proporcionava uma grande oportunidade de ascensão social para o anfitrião. Esse ocupava lugar de honra principal, de forma que não seguir suas orientações no banquete era considerado um grande

desrespeito. Além disso, havia também uma diferenciação na quantidade e na qualidade da comida servida; um cliente era suscetível de receber um tratamento inferior em relação a um patrono; homens e mulheres eram convidados para os banquetes que muitas vezes se inclinavam para situações vulgares.

A influência da cultura helenística entre os judeus era bastante ampla, e os banquetes tornavam-se extremamente atraentes. Shimoff³⁸ pontua o nível de influência do banquete helenístico entre os judeus:

Os judeus ricos da helenística Terra de Israel tinham aspirações de formar uma aristocracia de elite e adotaram muitas das práticas greco-romanas mais inocentes (por exemplo, nomes, estilo de roupa, etc.). Mas o banquete greco-romano estava enraizado na idolatria, e foi marcado pelo hedonismo flagrante. O que quer que se diga sobre esses banquetes, é claro que eles não eram expressões apropriadas de valores religiosos judaicos tradicionais. O banquete greco-romano representou, assim, uma importante condição fronteira, ou seja, o limite de quão longe um judeu poderia ir em aceitar, adotar ou adaptar práticas culturais helenísticas.

Em certo sentido, então, se quisermos apreciar a verdadeira extensão da helenização entre os judeus na Terra de Israel, e como os rabinos reagiram à helenização, os banquetes greco-romanos têm um significado especial; nenhuma outra prática helenística era ao mesmo tempo tão culturalmente atraente e tão religiosamente repreensível.³⁹

Os judeus helenizados tomavam algumas características do banquete e excluía outras. Entre as excluía, estão o culto aos deuses, os excessos na comida e na bebida e as práticas sexuais. Shimoff⁴⁰ afirma ainda que o estudo da *Torah*⁴¹ era uma das principais razões para os judeus se reunirem em torno da mesa, cultivando seus hábitos de pureza em relação aos convidados e à comida.

Fílon de Alexandria, segundo aponta Dennis E. Smith,⁴² refere-se a essa tradição quando apresenta entre judeus helenistas uma refeição comum de grupo que ele idealiza em sua obra *Sobre a vida contemplativa*. Nessa obra, Fílon afirma que o banquete é a

situação em que se faz o louvor do genuíno amor ao ser divino.⁴³ Citando o *Banquete* de Xenofonte⁴⁴ e abordando o banquete em contexto judaico, Fílon estabelece uma ponte entre ambos e prepara o ambiente discursivo para a alusão ao banquete cristão. Smith⁴⁵ também pontua:

Que Fílon está usando conscientemente o conhecido padrão literário para o simpósio 'apropriado', como contraste para sua descrição do simpósio exemplar de uma sociedade filosófica judaica. Assim, como Plutarco, embora ele afirma estar descrevendo refeições reais, ele está fazendo isso em imitação consciente de uma tradição literária padrão.⁴⁶

Não é de somenos importância que abordemos ainda ao menos dois desdobramentos do imaginário relacionado ao banquete na literatura helenística. Primeiro, o banquete em Plutarco, apresentado, de forma direta e normativa, na obra *Banquete dos sete sábios*, obra do campo da moral estoica do autor. O controle dos excessos, temática estoica fundamental em Plutarco, ganha contornos de uma discussão sobre a hierarquia dos espaços e a existência de normas para ocupá-lo,⁴⁷ temática análoga à abordada em *Lucas* 14.8-10.

Luciano, na obra *Como escrever a história*, aborda a importância de substituir as discussões sobre como se deve proceder no banquete por abordagens “mais dignas de registro”.⁴⁸ Logo, Luciano, de uma só vez, reconhece o costume, no Período helenístico, de se abordar acontecimentos nos banquetes como, igualmente, reconhece que há, nas descrições de banquetes, um aspecto ético e um vívido interesse. O *oíkeos*, que se abre para o mundo exterior por meio da reunião de convivas, fica sujeito ao crivo da moralidade pública, e essa peculiaridade explica o tratamento moral da temática em Fílon e no *Evangelho de Lucas*.

À guisa de conclusão, pode-se inferir que o *Evangelho de Lucas* apresenta uma relação com essa tradição literária. Mesmo que a presença de Jesus à mesa com seus apóstolos seja um elemento presente na tradição anterior a Lucas, é nesse evangelho que se encontram mais usos da temática relacionada ao gênero

literário banquete, principalmente na seção de composição exclusiva de Lucas (Lc. 9,51-18,14), em relação aos demais evangelistas.

É fundamental ressaltar, portanto, que, desde o *Banquete* de Xenofonte, passando pela análise da temática do banquete em Fílon, as conformações discursivas de ambos sejam matéria-prima para o reconhecimento do lugar social de convivência no âmbito do *oikos* por meio do compartilhamento da refeição comum na obra lucana.

ABSTRACT

The banquet, in addition to having been a social and cultural practice in Antiquity, became a literary modality both in the Classical Period and in the Hellenistic Period. In this period, authors such as Plutarch and Luciano de Samosata can be found, who used the literary banquet structure in their works. This article aims to highlight and analyze this literary construction, banquet - philosophical conversation at the table, in a passage from the *Gospel of Luke* 14,1-24, pointing out elements common to this genre, which were used by the author of the quoted Gospel. This article also highlights the influence of Greco-Roman culture among the Jews, especially in the imitation of the banquet, as a social event, which makes the elaboration of dialogues at the table credible, in which Jesus, in a Jewish social environment, presents his teachings to diners.

KEYWORDS

Banquet; Luke's Gospel; Hellenistic period; Literary genre.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Emerson Rocha. **A função do homem na família em Econômico**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2012.
- BORING, M. Eugene. **Introdução ao Novo Testamento**: história, literatura, teologia. Tradução de Adenilton Tavares Aguiar. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2015. v. II.
- BOVON, François. **El Evangelio según San Lucas I (1 – 9)**. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2005.
- _____. **El Evangelio según San Lucas II (9,51 – 14,35)**. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2012.
- BRAUN, Willi. **Feasting and Social Rethoric in Luke 14**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- FERNANDES, Tania Martins Santos. **O banquete de Xenofonte**: recursos estilísticos da trama do discurso. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.
- FITZGERALD, John T.; OLBRICHT, Thomas H.; WHITE, L. Michael. **Early Christianity and Classical Culture**: Comparative Studies in Honor of Abraham J. Malherbe. Leiden; Boston: Brill, 2003.
- LUCIANO DE SAMÓSATA. **Luciano v**. Tradução do grego, introdução e notas de Custódio Magueijo. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.
- MARROU, Henri-Irénée. **História da educação na antiguidade**. São Paulo: Herder; Edusp, 1969.
- MYERS, Ched. **O Evangelho de São Marcos**. [Tradução de I.F.L. Ferreira; revisão H. Dalbosco]. São Paulo: Edições Paulinas, 1992. (Coleção Grande Comentário Bíblico).
- NEYREY, J. Ceremonies in Luke-Acts: the case of Meals and Table Fellowship. In : NEYREY, J. (ed.). **The Social World of Luke-Acts**: Models for Interpretation. Peabody, Mass.: Hendrickson, 1991. p 361-387.
- PHILO. **Philo IX**. Translated by F.H. COLSON. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press; London: William Heinemann Ltd., 1985.
- PLATÃO. **O banquete**. Tradução, apresentação e notas de Irley Franco e Jaa Torrano. Rio de Janeiro: EdPUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2021. (Edição bilingue grego-português).
- PLUTARCO. **Vidas paralelas**. Tradução de Gilson Cesar Cardoso. São Paulo: Paumape, 1992. v. 4.

SHIMOFF, Sandra R. Banquets: the Limits of Hellenization. **Journal for the Study of Judaism in the Persian, Hellenistic, and Roman Period**, v. 27/4 (1996), p. 440-452. Brill Publisher Description. JSTOR.

SIEGERT, Folken. Philo and New Testament. In: KAMESAR, Adam (ed.). **The Cambridge Companion to Philo**. New York: Cambridge University Press, 2009. p. 175-209.

SMITH, Dennis E. Table Fellowship as a Literary Motif in the Gospel of Luke. **JBL**, v. 106/4, 1987, p. 613-638. Phillips Graduate Seminary, Enid, OK 73702. JSTOR.

_____. **From Symposium to Eucharist: the Banquet in the Early Christian World**. Minneapolis: Augsburg Fortress, 2003.

STEELE, Springs E. Luke 11:37-54: a Modified Hellenistic Symposium? **JBL**, v. 103/3, 1984, p. 379-394. University of Scranton, Scranton. PA 18510. JSTOR.

THEISSEN, Gerd. **O Jesus histórico: um manual**. [Tradução de Milton Camargo Mota e Paulo Nogueira]. São Paulo: Loyola, 2002.

_____. **A religião dos primeiros cristãos: uma teoria do cristianismo primitivo**. [Tradução de Paulo F. Valério]. São Paulo: Paulinas, 2009. (Coleção cultura bíblica).

YOUNG, Frances; Ayres, Lewis; Louth, Andrew. **The Cambridge History of Early Christian Literature**. Cambridge University Press, 2004.

WERNER, Jaeger. **Paidéia: a formação do homem grego**. [Tradução de Artur M. Pereira]. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WORTHINGTON, Ian. **A Companion to Greek Rethoric**. Blackwell Publishing, 2007.

- ¹ ALMEIDA, 2012, p. 18.
- ² BOVON, 2012, p. 562.
- ³ “*Han ido ganando com el tempo um valor social y cultural. Se convierten em la ocasión para acoger al viajero que passa, para honrarle, para aprovecharse de su saber y de la diferencia que él representa*”. Tradução própria.
- ⁴ FRANCO; TORRANO, 2021, p. 18-19.
- ⁵ Tradução, apresentação e notas da obra *O banquete*, PLATÃO.
- ⁶ BOVON, 2012, p. 562.
- ⁷ MARROU, 1969, p. 324-325.
- ⁸ Idem, ibidem, p. 327.
- ⁹ MARROU, 1969, p. 342.
- ¹⁰ JAEGER, 2001, p. 745.
- ¹¹ Regras do banquete.
- ¹² Os textos paralelos referem-se às narrativas similares encontradas nos quatro Evangelhos. Lucas utiliza-se de várias fontes para escrever seu Evangelho; essas fontes são o Evangelho de Marcos, uma fonte comum a Lucas e Mateus (fonte Q) e uma fonte exclusiva. As narrativas presentes nos Evangelhos de Marcos e Mateus nos permitem analisar as variações existentes nas composições de Lucas.
- ¹³ SMITH, 2003, p. 133-134.
- ¹⁴ “*In the Greco-Roman period, meals functioned within Judaism in ways quite similar to what we have found in Greco-Roman society at large. That is to say, when they gathered for a banquet, Jews, like their Greek and Roman counterparts, reclined at a meal that was characterized by rules of etiquette and ethical values and was organized into courses in exactly the same form as banquets in the rest of the Greco-Roman world*”. Tradução própria.
- ¹⁵ BORING, 2015, p. 1019.
- ¹⁶ Idem, ibidem, p. 1028.
- ¹⁷ Idem, ibidem, p. 1020.
- ¹⁸ Idem, ibidem, p. 921.
- ¹⁹ NEYREY, 1991, p. 362.
- ²⁰ “*Are predictable and occur regularly; are determined, called for, and presided over by officials; function to confirm roles and statuses within the chief institutions of a given group*”. Tradução própria.
- ²¹ Idem, ibidem, p. 363.
- ²² Conjunto de versículos que formam uma unidade ou pensamento coerente, geralmente de escrituras sagradas.
- ²³ Idem, ibidem, p. 363.
- ²⁴ “*Unlike rituals, which are concerned with the perimeter, ceremonies focus on the inside, the inward dimension of a social body and its structure. They attend, not to change, but to stability; they are concerned, not with newness, but with continuity. Meals-as-cerimonies replicate the group's basic social system, its values, lines, classifications, and its symbolic world*”. Tradução própria.
- ²⁵ BRAUN, 1995, p. 43.

²⁶ BOVON, 2012, p. 564.

²⁷ MYERS, 1992, p. 135.

²⁸ Idem, *ibidem*, p. 136.

²⁹ BRAUN, 1995, p. 138.

³⁰ “*Similar structure (invitation, announcement of an issue for debate (fait divers), dialogue in the form of table talk), the presence of typical symposium figures (notable host, chief guest, other invited guests, uninvited guest [ἄκλητος]), and the appearance of regular convivial discussion topics (seating arrangements, appropriate guest list) constitute the main support pillars for the argument that Luke’s compositional plan in 14.1-24 was dictated by the symposium form*”. Tradução própria.

³¹ SMITH, 1987, p. 613.

³² BARRETT, 1961.

³³ SMITH, 1987, p. 615-616.

³⁴ SIEGERT, 2009, p. 191-192.

³⁵ STEELE, 1984, p. 380.

³⁶ Idem, *ibidem*, p. 381.

³⁷ SHIMOFF, 1996, p. 442-443.

³⁸ Idem, *ibidem*, p. 443-444.

³⁹ “*The affluent Jews in hellenistic Eretz Israel had aspirations of forming an elite aristocracy, and adopted many of the more innocent Greco Roman practices (e.g., names, clothing style, etc.). But the Greco-Roman banquet was rooted in idolatry, and was marked by flagrant hedonism. Whatever else might be said about these banquets, it is clear that they were not appropriate expressions of traditional Jewish religious values. The Greco-Roman banquet thus represented an important boundary condition, the limiting case of how far a Jew might go in accepting, adopting, or adapting hellenistic cultural practices.*

In a sense, then, if we want to appreciate the true extent of hellenization among Jews in Eretz Israel, and how the rabbis reacted to hellenization, Greco-Roman banquets are of special significance; no other hellenistic practice was at once so culturally-attractive and so religiously-reprehensible”. Tradução própria.

⁴⁰ SHIMOFF, 1996, p. 444-445.

⁴¹ A Lei Mosaica que compreende os cinco primeiros livros da Bíblia Hebraica, também conhecidos como Pentateuco.

⁴² SMITH, 1987, p. 615.

⁴³ Filon, *Sobre a vida contemplativa* VII.59

⁴⁴ Filon, *Sobre a vida contemplativa* VII.57-59.

⁴⁵ Idem, *ibidem*, p. 616.

⁴⁶ “*That Philo is consciously using the well-known literary standard for the ‘proper’ symposium as the foil for his description of the exemplary symposium of a Jewish philosophical society. Thus, like Plutarch, though he claims to be describing actual meals, he is doing so in conscious imitation of a standard literary tradition*”. Tradução própria.

⁴⁷ Plutarco, *Banquete dos sete sábios* 150a.

⁴⁸ Luciano, *Como se deve escrever a história* 20, 26.